

o rapaz de buchenwald
a verdadeira história de uma criança
que sobreviveu ao holocausto
robbie waisman e susan mccllelland

Tradução de Sónia Maia

*A Gloria Waisman, o amor da minha vida, e à memória da minha família,
que pereceu às mãos dos Nazis.*



Uma das primeiras fotografias de Romek Wajsman depois da libertação do campo de concentração de Buchenwald. Tirada em Écouis, França, por volta de julho de 1945.



Alguns dos rapazes de Buchenwald em França. Robbie é o primeiro a contar da direita na segunda fila, de braço dado com Abram «Abe» Chapnik.

INTRODUÇÃO

«Menciono o seu nome e a velha dor regressa. Esquecê-la, dizem?
Como se pode esquecer um ser humano vivo?»
— *Sholem Aleichem*

Lembro-me de onde venho. Skarżysko-Kamienna, situada no centro-sul da Polónia, fica no vale do rio Kamienna. Se desenharmos um círculo em volta de Varsóvia, Lublin, Cracóvia e Łódź, Skarżysko-Kamienna é praticamente o ponto central. E, na verdade, foi assim que Skarżysko-Kamienna foi formada: sobre e em volta da estação ferroviária que ligava estas cidades. Skarżysko-Kamienna, embora pequena, era conhecida pelas suas indústrias, especialmente de munições, que, em 1939, empregavam mais de 4000 dos 19 000 habitantes de Skarżysko-Kamienna. A *Państwowe Wytwórnice Uzbrojenia Fabrykę Amunicji*, ou Fábrica Nacional de Armamento, fazia armas para o exército polaco. Em setembro de 1939, quando os Nazis invadiram a Polónia, confiscaram a fábrica e entregaram-na a um fabricante alemão, que a renomeou Hugo Schneider Aktiengesellschaft (HASAG). Muitos dos trabalhadores polacos foram despedidos, e os judeus foram obrigados a fazer munições para as *Wehrmacht* sem qualquer remuneração.

Os judeus já estavam na Polónia há mais de mil anos, tendo vivido períodos em que eram relativamente livres e outros em que eram perseguidos. No início da Segunda Guerra Mundial, a Polónia tinha a maior população judaica de qualquer país do mundo. Cerca de 2500 judeus viviam em Skarżysko-Kamienna. A nossa comunidade de judeus chamava-se *shtetl*. Em toda a Polónia, havia mais de três milhões de judeus a viver em vários *shtetls*. A maior concentração de judeus na Polónia encontrava-se em Varsóvia.

No princípio da década de 20 do século xx, quando o meu Papá comprou

a nossa casa na Maya Tziejo, que significa «Rua 3 de Maio», as comunidades judaicas da Polónia eram relativamente bem aceites e viviam em paz. Com o líder polaco Józef Piłsudski, os judeus tinham direitos. Podiam ter terras e negócios e deter cargos na política, no exército e nas universidades. Skarżysko-Kamienna floresceu nas primeiras décadas do século xx e atraiu muitos imigrantes judeus, incluindo o Papá, que vinha da Rússia. A primeira sinagoga de Skarżysko-Kamienna foi construída em 1910. Poucos anos depois, foi erigido o cemitério judaico.

Em 1935, Piłsudski morreu. Depois disso, as coisas não voltaram a ser iguais. No entanto, quando eu vivia na Polónia, não sabia muito acerca disto. Para mim, Skarżysko-Kamienna era sinónimo de florestas e canto de pássaros; de ventos que levavam os aromas quentes e fumarentos da nossa chaminé; e de lume para cozinhar, e da fragrância do *borscht* e dos bifes do lombo feitos pelas nossas Mamãs.

O Papá era retroseiro e alfaiate. Isso significava que ele fazia chapéus, especialmente os chapéus pretos chamados *shtrimmel*, chapéus de pelo e de abas muito largas que os homens judeus de Skarżysko-Kamienna usavam, mas também chapéus citadinos. Também fazia fatos.

O Papá, que se chamava Chil, tinha um rosto largo, ombros largos e cerca de 1,82 m, tal como os meus irmãos mais velhos: Chaim, que fez 22 anos em 1939, e Moishe, que tinha 17 anos. Os meus outros dois irmãos, Motel, de 15 anos, e Abram, de 12, também estavam a aproximar-se lentamente da altura deles. E havia uma rapariga, a minha irmã Rachella, a quem todos chamávamos Leah. Era oito anos mais velha do que eu.

Embora a figura do Papá fosse encorpada, a sua voz era suave. Toda a gente gostava dele. Os anciãos de Skarżysko-Kamienna e os visitantes da nossa pequena cidade vinham a nossa casa ouvir o Papá recitar passagens da Torá e contar histórias como *Tevye, o Leiteiro*; e pediam-lhe conselhos sobre política, religião e filosofia. Acima de tudo, o Papá adorava a Mamã, que se chamava Rifka. Pegava-lhe na mão quando passeavam junto ao rio, enquanto eu corria ao lado deles, tentando apanhar borboletas e fazer saltar pedras sobre a água, no verão. No inverno, eu patinava no rio, levantando os olhos para ver o Papá e a Mamã ainda de mãos dadas, ainda a caminhar, mas, agora, apertados, muito juntos, por baixo de um xaile de tricô que levavam sobre os ombros.

Para mim, o Papá, a Mamã e Skarżysko-Kamienna eram amor, risos e bondade.

Nasci a 2 de fevereiro de 1931, e era o mais novo da minha família. A nossa casa era pequena, de madeira, com um telhado de ripas. Eu partilhava a cama e o quarto com dois dos meus irmãos.

Os cozinhados e o canto melodioso da Mamã faziam-me adormecer à noite, mas os roncões do Papá acordavam-me muitas vezes.

Os meus irmãos eram fortes, capazes de correr mais do que qualquer pessoa da cidade nas corridas a corta-mato e nos desafios de futebol. Além disso, os meus dois irmãos mais velhos eram bonitos, tão bonitos que todas as raparigas se derretiam por eles. Mesmo em criança, eu via-o e percebia-o — as faces coradas das raparigas, a forma como viravam um dedo do pé para dentro e dobravam um joelho, com a cabeça levemente inclinada para um lado, sempre que um dos meus irmãos passava. Eu tinha muito orgulho de fazer parte da minha família. Sabia que, quando crescesse, seria como os meus irmãos, especialmente Moíshe, que se tinha candidatado à universidade de engenharia. Ele gostava de mexer em fios e estava a construir um rádio cujo alcance, segundo ele, chegaria à América. Eu também queria ser engenheiro.

A Mamã tinha sempre canja a aquecer em cima do forno a carvão, pronta para eu comer quando chegasse das minhas tarefas. Eu ajudava o Papá, varrendo os pedaços de tecido que ficavam espalhados no chão da sua loja e segurando a fita métrica e outros apetrechos enquanto ele media os clientes. Também estava encarregado de levar a lenha para o telheiro, para os meus irmãos a cortarem. Além disso, trazia caruma da floresta para atear o fogo e varria o caminho de acesso à rua que levava ao centro de Skarżysko-Kamienna, onde havia um cinema, o sítio onde mais gostava de ir.

Oh, fazíamos ótimos jantares lá em casa. A minha família, assim como vários convidados, sentava-se à comprida mesa de carvalho que o Papá tinha talhado ele mesmo, bebericando vinho de copos que a Mamã só tirava do armário para essas ocasiões. Quando as conversas se tornavam sérias, acerca do que se passava na política da Polónia, as mulheres deixavam os homens e os meus irmãos mais velhos sozinhos. A minha comunidade judaica era muito conservadora. Mesmo na sinagoga, as mulheres sentavam-se no balcão, enquanto os homens ficavam no piso principal.

Uma das minhas melhores recordações é de quando o meu irmão Chaim casou com Golda, a mulher mais bonita que eu já vira. Ela tinha cabelos encaracolados, muito pretos, e caía-lhe um caracol sobre a testa, como um ponto de interrogação de pernas para o ar. As mãos de Golda eram esguias e finas, e ela dançava em volta da sala enquanto cantava canções tradicionais iídiche ou contava histórias. Fazia-me lembrar um cisne. Eu tinha uma paixoneta por Golda. Queria-a para mim, e até perguntei ao Papá se, um dia, quando a *shadchen*, a casamenteira, combinasse o meu casamento, a minha noiva poderia ser Golda. Mas eu era uma criança, e Chaim era um homem. Ele já terminara os seus dois anos obrigatórios no exército polaco e continuara como oficial enquanto

fazia diversos trabalhos, como construir vedações e fazer reparações em casas. Chaim podia oferecer mais a Golda do que eu, disse-me o Papá. Eu suspirei e engoli as lágrimas, mas acabei por ficar feliz com a ideia de que Golda estaria sempre presente na minha vida, como mulher de Chaim.

No casamento deles, comi sem parar — *challah*, bolinhos de peixe, rolinhos de couve e galinha estufada. Depois, dancei a *hora*, dando voltas e mais voltas, até parar para comer mais, acabando por adormecer de cansaço à mesa, deixando cair a cabeça dentro de uma taça de frutos doces e *smetana*. Quando acordei, com o cabelo pegajoso do mel, toda a gente dançava lá fora, no jardim das traseiras. Por isso, levantei-me de um salto e juntei-me a eles.

Quando olhei para o céu, era como se as estrelas estivessem a dançar connosco.

Entre o outono de 1939 e a primavera de 1945, esqueci estas memórias. E quando, finalmente, comecei a recordá-las, chegavam-me apenas em fragmentos, aos bocadinhos, como os pedaços de tecido que a Mamã juntava para fazer as suas colchas.

A 1 de setembro de 1939, o exército alemão, sob as ordens do *führer* alemão, Adolf Hitler, e do seu Partido Nazi, invadiu a Polónia. O *Wehrmacht*, o exército alemão, levou pouco mais de um mês a dominar o país.

Os Nazis retiraram todos os direitos aos judeus.

Em 1941, eu e a minha família fomos obrigados a sair da nossa casa e a mudarmo-nos para um bairro judeu, a que, hoje, a maioria das pessoas chama um gueto. Skarżysko-Kamienna tornou-se o oposto do amor e, com a escuridão a fechar-se à nossa volta, esqueci-me de onde vinha.

Mantinha muita coisa escondida, fechada num cofre dentro de mim. Acho que tinha de o fazer.

O meu bom amigo Dr. Robert Krell, psiquiatra reformado, que, durante o Holocausto, foi uma criança judia escondida, disse-me um dia: «Quando estamos em modo de sobrevivência, achas que podemos dar-nos ao luxo de ter memória?»

Durante anos, ainda criança, vivi minuto a minuto, sem saber se o guarda parado ali perto estaria prestes a matar-me. Não sabia de onde viria o meu próximo pedaço de comida, se é que viria. Não sabia em quem podia confiar e quem seria o homem — ou a criança — que me trairia. Estive muitas vezes marcado para morrer, e de todas elas escapei por pouco à sorte de tantos outros.

Decidi começar a contar a minha história em 1984, quando um homem

chamado James Keegstra, professor de liceu em Alberta, Canadá, disse aos seus alunos que aquilo que me acontecera, aquele terrível período da história da Humanidade que ficou conhecido como Holocausto, ou, como os judeus lhe chamam em hebraico, a *Shoah*, não acontecera.

Entre 1939 e 1945, dos mais de nove milhões de judeus da Europa, calcula-se que seis milhões, incluindo um milhão e meio de crianças, tenham sido mortos pelos alemães, muitas vezes de formas bárbaras e cruéis, incluindo câmaras de gás e experiências médicas brutais. Os Nazis torturaram-nos e assassinaram-nos em massa. Uns colossais 90 por cento dos judeus polacos estavam mortos em 1945. Alguns morreram atirando-se contra as vedações eletrificadas que rodeavam os campos onde estavam presos. Tinham desistido.

Eu estava lá. Sou uma criança sobrevivente do Holocausto.

Durante a maior parte do Holocausto, fui, essencialmente, um trabalhador escravizado numa fábrica de munições que fazia armas para os soldados alemães, e depois, quando a guerra se virou contra os alemães, fui desviado em vagões de gado da Polónia para a Alemanha, acabando no campo de concentração de Buchenwald, à saída de Weimar, na Alemanha. A 11 de abril de 1945, o exército americano chegou lá e libertou-me. Eu não estava sozinho. Nesse campo, escondidos entre 21 000 prisioneiros sobreviventes, encontravam-se mil rapazes como eu.

Comecei a falar disto, primeiro discretamente e com hesitação. Depois, ganhei confiança e falei aos meios de comunicação de toda a América do Norte, depois da Europa e, por fim, até da Austrália. Até falei na Alemanha.

E, pelo caminho, aconteceu uma coisa interessante. Comecei a perceber que não era só do Holocausto que eu precisava de falar.

Lentamente, como a Mamã tecia fios finos para bordar a roupa branca, descobri que havia outra história dentro de mim. E perdoem-me. Tenho 85 anos, agora que estou a partilhar esta narrativa com a minha coautora, Susan McClelland. Posso confundir as datas e, ocasionalmente, juntar duas personagens numa. Mas os temas, a nossa transição, a forma como nós, rapazes que tinham perdido tudo, reencontrámos um sentido, tudo isso é verdade. Como conseguimos continuar, muitos de nós para levarmos vidas extraordinárias como médicos, advogados, líderes espirituais, professores, formadores, pais, maridos carinhosos e avós devotados? Nem todos o conseguimos, note-se. Alguns morreram cedo, e outros travaram árduas batalhas com problemas de saúde mental e física. Mas a maioria de nós, os Rapazes de Buchenwald, seguimos em frente e tivemos vidas muito compensadoras. Entre nós esteve Elie Wiesel, cuja escrita e ativismo lhe valeram o Prémio Nobel da Paz em

1986. Ele era um de nós, os Rapazes de Buchenwald, como fomos apelidados pela imprensa.

Nos campos de concentração, a que chamávamos «campos de morte», os homens sussurravam, à noite: «Se algum de vós sobreviver, tem de contar a história do que se passou aqui. O mundo nunca pode esquecer. O mundo nunca pode repetir o que está a acontecer.»

Outra coisa que não podemos esquecer é que o amor é mais forte do que o ódio.

E, segundo descobri, o amor conduz-nos a casa.

1

«E os animais selvagens encontrar-se-ão com hienas; o cabrito-montês chamará os seus companheiros; aí, o pássaro noturno vai descansar e encontrar um lugar de repouso.»

— *Isaias 34:14*

O homem usava um casaco azul debruado novo, limpo e comprido com botões de bronze, uma suástica vermelha e medalhas, que eu vim a saber que indicavam o seu posto nas *Schutzstaffel*, também conhecidas como as SS, uma unidade paramilitar do Partido Alemão Nazi. O homem estreitava os olhos azul-celeste, franzi-a testa e apontava para mim.

Eu estava a marchar com os homens para a fábrica de munições em Skarżysko-Kamienna, na Polónia. A fábrica chamava-se Hugo Schneider Aktiengesellschaft Metallwarenfabrik, mas toda a gente lhe chamava HASAG.

Eu trabalhava na fábrica, tal como milhares de judeus. Éramos todos escravos. Nenhum de nós era pago. A minha tarefa era gravar as iniciais FES nas granadas de artilharia para o *Wehrmacht*. Conseguia gravar 3200 granadas em cada um dos meus turnos de 12 horas, que fazia seis dias por semana. Quando comecei a trabalhar na HASAG, tinha 11 anos. Estávamos no ano de 1942. Nos primeiros meses, trabalhei tanto que a pele das minhas mãos ficou esfolada até sangrar. Mas sabia que, se parasse de trabalhar — já vira os Nazis e os soldados de outros exércitos que trabalhavam para eles fazê-lo a outros —, seria fuzilado. Trabalhei até as feridas se transformarem em calos, que endureceram como couro de sapatos.

Geralmente, fazia o turno do dia, que começava às 7 da manhã. Mas, de tantas em tantas semanas, fazia também o da noite.

Enquanto marchava com os homens do meu turno, levantava bem os joelhos, para mostrar ao homem das SS que era saudável. Mas, mesmo assim, o homem das SS fez-me sinal para sair da fila. Gritava «*Raus!*», o que significa

«para fora» em alemão. Na verdade, a língua alemã não era muito diferente do iídiche, que eu falava em casa, com a minha família. Por isso, quando comecei a trabalhar na HASAG, sabia palavras alemãs, pelo menos algumas. No final da Segunda Guerra Mundial, falava alemão fluentemente.

Engoli o nó que se me formara na garganta e fiz o que o homem das SS mandava. Ele aproximou-se de mim, parando tão perto que eu sentia o seu hálito pegajoso e quente no rosto. Cheirei o seu pequeno-almoço de ovos com cebola quando ele se inclinou e me gritou outra vez:

— *Raus!*

Então, fez-me dar meia-volta e espetou-me a coronha da espingarda entre as omoplatas.

— *Marcha* — ordenou.

Fechei os olhos com força, sabendo exatamente para onde ele estava a levar-me: para a carrinha parada do lado de fora do portão, em frente das camaratas, onde os escravos ficavam fechados quando não estavam a trabalhar.

Também sabia porque tinha sido escolhido. Há duas semanas que andava com acessos intermitentes de suores e arrepios devidos à febre tifoide. Quando a minha febre cedera e eu descobrira que ainda estava vivo, suspeitara que um dos homens da camarata, talvez o talhante *kosher* amigo do Papá, me mantivera escondido debaixo da palha e me dera água. É que os guardas lituanos que trabalhavam para os Nazis vinham passar revista às 7 da manhã e às 7 da tarde, quando os homens dos turnos diurno e noturno trocavam de lugar, para se certificarem de que ninguém estava escondido nas camaratas ou doente. De alguma forma, eu não fora descoberto.

Quando nos aproximámos da carrinha, abri os olhos.

— Mais um — cuspiu o homem das SS para o que estava de guarda à carrinha.

Então, o homem das SS mandou-me subir para a caixa de carga. Já lá estavam cerca de 20 outros homens, magros como esqueletos, com a pele azulada da subnutrição, muitos com crostas na cara, causadas pelas muitas doenças que circulavam pelas camaratas, tal como o rio Kamienna fluía através de Skarżysko-Kamienna. A pele de alguns homens estava amarela: eram os escravos que trabalhavam com ácido pícrico, um explosivo da família do TNT. O ácido pícrico tornava a pele e os olhos daqueles trabalhadores amarelos, e acabava por lhes destruir os rins.

Eu sabia que íamos ser levados para a floresta para sermos mortos. No entanto, primeiro teríamos de cavar as nossas próprias sepulturas.

— Mais uma ratazana — ouvi um dos guardas dizer.

— Comida para os vermes.

Estremeci de medo. Senti a urina escorrer-me pela perna.

Sabia que me arriscara ao voltar ao trabalho ainda pálido e de movimentos lentos. Mas não tinha alternativa. Se não o tivesse feito, a minha ausência acabaria por ser notada.

Quando o meu irmão Abram trabalhava comigo na HASAG, beliscava-me as faces antes da chamada da manhã para que eu tivesse bom aspeto, e punha-me cartão nas solas dos sapatos para eu parecer mais alto e mais velho. Os Nazis não gostavam muito de ter crianças a trabalhar, e mandavam muitas para longe, provavelmente para serem mortas.

Eu estava sentado na caixa de carga da carrinha, o mais atrás possível, olhando, primeiro para as camaratas — compridas, cinzentas e pretas — e depois para o céu por cima delas, que se movia como fumo. Os meus olhos detetaram uma nuvem que corria mais depressa do que as outras. Parecia uma ilha no meio de um mar tempestuoso. De repente, o arrepio, o tremor que se me instalara nos ossos parou.

Vi luz, como raios de sol, o que, em retrospectiva, seria impossível num dia daqueles.

Senti algo enrolar-se à minha volta, como um cobertor macio, trazendo consigo uma calma e uma leveza que não sentia há três anos, desde que os alemães tinham invadido a Polónia, ocupando-a, apossando-se dela.

Ia morrer, mas, subitamente, isso deixou de importar.

Comecei a lembrar-me de coisas que esquecera desde que começara a trabalhar na HASAG: da Mamã a cantar-me «A Minha Cidadezinha Belz», do Papá a embrulhar-me no seu *talit* na sinagoga, de jogar futebol com os meus irmãos mais velhos. Ouvei até a voz da minha irmã, Leah, dizendo-me que voltaríamos a ver-nos.

Então, aquela nuvem negra transformou-se em asas, como as de um anjo. Formei a palavra *Azrael* com a boca. Senti Azrael, o anjo que leva as almas para o céu, envolvendo-me suavemente em si mesmo.

Fui invadido por recordações de amor que sabia que ficariam comigo, para onde quer que eu fosse.

Já não estava agarrado à vida.

Ouvei sons místicos de assobios de vento e pequenos sinos, e até um coro a cantar.

Expirei, sabendo que a respiração estava a abandonar-me.

Estava num tal estado de beleza e assombro que, ao princípio, não senti a mão forte que me agarrara a gola do casaco.

Estava a ser arrastado para fora da carrinha.

O homem alemão, aquele que vinha muitas vezes à HASAG para

supervisionar os escravos judeus, aquele que eu tinha a certeza de que detinha um alto cargo entre os Nazis, porque os alemães se endireitavam, batiam os calcanhares, faziam-lhe continência e gritavam «Heil Hitler» quando ele passava, esse homem estava a tirar-me da carrinha. Quando os alemães da Alemanha visitavam a fábrica, ele costumava exhibir-me, comentando como eu trabalhava rápida e eficientemente. Estava a gritar ao homem das SS que tinha a arma que eu era um trabalhador demasiado valioso, que trabalhava mais depressa do que dois adultos juntos. Precisava de tempo para me recuperar. Tinha de ser salvo.

A música suave parou e a Mamã e o Papá desapareceram.

Azrael também se desvaneceu no céu cinzento-escuro, que pingava chuva.



Joe Dzuibek, de Łódź, na Polónia, escreve na parte lateral do comboio:

«Onde estão os nossos pais? Órfãos de Buchenwald».

2

7 DE JUNHO DE 1945

«Esquecer os mortos seria como matá-los outra vez.»

— *Elie Wiesel*

O comboio parou de repente, acordando-me com o solavanco. Esfreguei os olhos e olhei pela janela. As nuvens deslizavam em frente dos raios de sol, projetando longas sombras sobre o que pareciam ser quilómetros intermináveis de campos de trigo. A minha mão esquerda, que estivera debaixo da perna, estava dormente. Abanei-a até a sentir voltar à vida e depois levantei o braço e abri o fecho da janela. Abram Chapnik, a quem eu chamava Abe, estava sentado à minha frente. Pôs-se em pé de um salto, e ambos nos debruçámos da janela, inspirando o ar fresco francês.

Ficámos os dois calados, ouvindo o cantar matinal dos pardais, um corvo a crocitar à distância e vacas a mugir umas para as outras.

Fechei os olhos e ergui o rosto para o céu.

— Olha — gritou Abe. — Ei, olha! — deu-me um forte pontapé no tornozelo.

— Ai — gritei, abrindo muito os olhos.

Instintivamente, cerrei os punhos, pronto a esmurrá-lo.

A última vez que batera em Abe fora no campo de concentração de Buchenwald, à chegada da primavera. À noite, um vento cortante infiltrava-se pelos buracos das paredes das camaratas. Acima de nós, ouvia-se o zumbir e o ronronar dos aviões.

— *Aviões de guerra americanos — sussurrou Yakov Nikivirov, também conhecido como Jakow Gofman. Jakow atuava no circo de Moscovo ou no Teatro Bolshoi (eu nunca sabia bem em qual deles) e protegia-nos, a mim e a Abe.*

Jakow dissera-nos, no dia anterior:

— Os americanos estão perto, a deitar bombas sobre Weimar — e prosseguiu dizendo-nos que alguns membros do movimento clandestino de Buchenwald tinham subido aos telhados de camaratas nas profundezas do campo e escrito SOS com pratos brancos roubados às cozinhas dos Nazis, para pedir aos aviões americanos que não nos bombardeassem.

Weimar, que ficava a cerca de oito quilómetros, estava a ser fortemente atingida. Os prisioneiros de Buchenwald eram enviados à cidade depois dos bombardeamentos noturnos americanos para limparem o entulho dos edifícios destruídos que juncava as ruas. Toda a gente pedia para ir porque os residentes de Weimar nos davam, muitas vezes, comida. Eu e Abe já tínhamos ido duas vezes. Na primeira vez, uma mulher alemã dera-me metade de um pão; na segunda, eu e Abe recebemos queijo e uma garrafa de leite.

Jakow era enorme, como um filho de dois gigantes, e usava um bigode enrolado nas pontas. Jakow falava-nos do campo e dos presos políticos, como Wilhelm Hammann, que era o Blockleiter, líder do Bloco 8, a nossa camarata. Eu e Abe chamávamos-lhe Willy Alto, embora ele não fosse nada alto. Willy Alto fora professor, membro do Partido Comunista Alemão, vereador municipal e depois membro do parlamento da província de Hesse. O líder do Partido Nazi, o Führer Adolf Hitler, era fascista, o que significava que era um ditador. Os comunistas, disse-nos Jakow, a mim e a Abe, acreditavam que todas as pessoas eram iguais. Os comunistas eram o oposto do fascismo. Willy Alto, como muitos outros comunistas, estava preso desde a ascensão dos Nazis ao poder, em 1933.

Na noite daquele bombardeamento aéreo americano em especial, Abe estava a imitar o som dos aviões e depois PAU, CAPAU, as explosões. Todos os miúdos e homens da minha camarata estavam em silêncio, exceto Abe.

Jakow silvou a Abe que se calasse.

O Bloco 8 ficava perto do portão da frente de Buchenwald. O nosso edifício era um dos mais próximos dos guardas nazis, e não muito distante daqueles onde os SS dormiam. Todos sabíamos que a guerra estava a acabar. A Alemanha tinha perdido. Os comunistas do campo tinham acesso a informações, e Jakow dissera-nos que os exércitos aliados da Grã-Bretanha e da América e de muitos outros países estavam a forçar as fronteiras da Alemanha a oeste, e que o Exército Vermelho da União Soviética estava a aproximar-se, vindo do Leste.

Todos os prisioneiros do campo estavam a portar-se o melhor possível, com pavor de atrair a atenção para si próprios. Como estavam quase a perder a guerra, os Nazis podiam retaliar matando-nos a todos, espalhando dinamite pelo campo ou mandando-nos marchar sem intervalos, até os nossos joelhos cederem e cairmos mortos no chão. Havia também um rumor de que os Nazis tinham

disfarçado alguns dos seus bombardeiros da Luftwaffe de aviões americanos. Quando já não restasse qualquer dúvida de que a guerra tinha acabado, esses aviões bombardeariam Buchenwald, fazendo parecer, para o mundo exterior, que os americanos tinham matado inocentes.

Mas Abe não parava de fazer barulhos de aviões e de nos pôr a todos em perigo. Quando ele se entusiasmou ainda mais, bati-lhe com o cinto num olho e depois no nariz.

E voltaria a bater em Abe, no comboio.

— Deixa-me em paz — atirei-lhe, esfregando o tornozelo dorido.

Abe inclinou a cabeça e bateu as suas longas pestanas, que emolduravam olhos grandes cor de chocolate escuro, caídos nos cantos, fazendo-o parecer sempre triste.

— O que queres que eu veja? — perguntei, com um suspiro, abrandando a tensão das mãos.

Abe inclinou-se na janela e apontou para a linha. Um grupo de homens dirigia-se a nós. O fumo dos seus cigarros revoloteava no ar. Traziam boinas pretas ou azuis. Quando se aproximaram, vi-lhes os rostos tisonados e as roupas gastas. Aqueles homens eram agricultores, e falavam uns com os outros numa língua que eu nunca ouvira.

— É francês — murmurou Abe, lendo-me os pensamentos. — São franceses.

Os homens gesticulavam na direção do comboio. Um francês, com maçãs do rosto altas e cinzeladas e cabelo muito negro, fitou-me nos olhos. Tinha o rosto vermelho e os olhos flamejantes. Gritou-me palavras que eu não conhecia. Fiquei sem fôlego e, de repente, doeram-me os pulmões. Senti que ia desmaiar. Dei meia-volta para me recompor, sentindo que a parte lateral do comboio se movia à minha volta.

Não me cheirava a campo, já não, mas a dejetos humanos e a podridão, a odores corporais, a sangue e a vomitado. Já não estava no comboio para França, mas noutra de Częstochowa, na Polónia, para a Alemanha. Centenas de judeus estavam apertados em carruagens de comboio usadas para o transporte de vacas e cavalos. Nos vagões de madeira sem assentos, nem alcatifa, nem isolamento ou calor, estávamos de tal forma amontoados que tínhamos pouco espaço até para nos virarmos, quanto mais para nos sentarmos.

Não tínhamos comida nem água, às vezes durante cinco dias. Quando o

comboio parava, o que acontecia com frequência, para deixar passar comboios com munições e provisões de guerra, os guardas armados abriam as portas e exigiam que lhes entregássemos os que tinham morrido. O judeu mais velho recitava o Kadish, a oração fúnebre, enquanto os corpos eram entregues — ninguém podia fechar os olhos aos mortos, conforme o costume judaico —, e depois todos respirávamos um pouco porque ficávamos com mais espaço para nos mexermos.

— Acorda — gritava Abe. Senti as palmas das mãos dele a bater-me nas faces. Tossi, e depois inspirei profundamente várias vezes, percebendo que tinha desmaiado por uns momentos, e talvez tivesse parado de respirar. Ainda de olhos fechados, procurei às cegas a mão de Abe e apertei-a com força. Quando o fiz, Abe sussurrou-me ao ouvido uma oração em iídiche: — Senhor nosso Deus, Deus do Universo. Ouve a nossa oração e escuta-nos...

Eu estava mais calmo e começava a abrir os olhos quando ouvi pancadas na parte lateral do comboio. Olhei pela janela e vi que os franceses nos estavam agora a atirar pedras. Uma, do tamanho de um ovo de ganso, entrou pela nossa janela aberta e foi bater na parede do outro lado. Enterrei-me rapidamente no banco, dobrando as pernas até ao peito. Tapei os ouvidos com as mãos para não ouvir o som.

Levantei a mão e puxei a camisa de Abe para o fazer sentar-se.

— Para com isso — disse ele, bruscamente. — Os franceses só não sabem quem somos, por causa das nossas roupas. Vai ficar tudo bem.

Dei umas palmadinhas na minha camisa e nos meus calções. Depois de os americanos terem chegado a Buchenwald, alguns soldados tinham pedido aos comunistas do campo que nos arranjassem roupas novas. Éramos quase mil rapazes, e estávamos todos vestidos com os pijamas do campo de concentração, cheios de piolhos e talvez de outros insetos, incluindo pulgas, que transmitiam o tifo. Alguém encontrou um armazém cheio de uniformes da Juventude Hitleriana, sapatos e botas. Não havia uniformes suficientes para todos os rapazes, mas muitos, incluindo eu, trocámos os pijamas, que, provavelmente, tinham pertencido, antes de nós, a pessoas agora mortas, por roupas que tinham pertencido a assassinos.

— Olha — gritou Abe, em surdina. — Tens de olhar.

Aproximei-me novamente da janela, pouco a pouco. Dois dos Rapazes de Buchenwald e o rabino Robert Marcus, um capelão do exército americano que nos acompanhava, estavam a falar com os franceses.

— Romek, não estamos em perigo — disse Abe. — Os franceses têm mais

medo de nós do que nós deles. Detestam os Nazis. O rabino está a explicar-lhes quem somos.

Relaxe e escutei, enquanto o comboio ficava em silêncio. O som da língua francesa parecia um rio com ondas ocasionais, como um crescendo numa sinfonia.

Quando me recostei novamente, um rapaz mais velho, baixo mas não atarracado como Abe, com joelhos nodosos e esfolados, veio para a nossa carruagem. Sentou-se pesadamente do meu outro lado. Sem esperar que lho perguntássemos, começou a explicar o que Abe acabara de me dizer. Percebi pelo seu dialeto polaco que era de Cracóvia ou de Łódź. Talvez tivesse 16 anos, mas era difícil dizer.

Abe puxou-me novamente pela manga. Juntamente com o novo rapaz, espreitámos lá para fora, enquanto os franceses riam e apertavam as mãos dos rapazes e do rabino. Agora, mulheres francesas, trazendo cestos de vime transbordantes de comida, sorriam enquanto se aproximavam do comboio. Havia 427 Rapazes de Buchenwald no comboio, que tinha oito ou nove carruagens. Uma instituição de caridade para o auxílio a crianças, que mais tarde vim a saber chamar-se *Œuvre de Secours aux Enfants* e que toda a gente conhecia apenas por OSE, organizara tudo para nos tirar de Buchenwald. Íamos para França, mas outro grupo, mais pequeno, noutra comboio, ia para a Suíça. O nosso comboio levava os rapazes mais novos de Buchenwald, e todos parecíamos ansiosos por esticar os braços para fora das janelas enquanto as mulheres distribuíam garrafas de leite de cabra e de vaca, pãezinhos compridos, maçãs e pêssegos.

Passado um bocado, o comboio começou a mover-se de novo, entrando numa linha lateral perto de Metz, no Nordeste da França. O rabino Marcus andava de um lado para o outro pelo comboio, explicando que passaria ali a noite, para nossa segurança, até conseguirmos explicar bem aos franceses quem éramos e quem não éramos: Nazis.

Durante a noite, alguns dos rapazes usaram tinta branca que um agricultor lhes dera e escreveram na parte lateral do comboio, em francês, inglês e iídiche:

Somos sobreviventes de Buchenwald.

Onde estão os nossos pais?

Somos órfãos de Buchenwald.